

LETRAMENTO, HETEROGENEIDADE E ALTERIDADE: ANÁLISE DE NARRATIVAS ORAIS PRODUZIDAS POR UMA MULHER NÃO-ALFABETIZADA

Leda Verdiani TFOUNI¹
Anderson de Carvalho PEREIRA²

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo investigar narrativas orais produzidas por uma mulher não-alfabetizada do ponto de vista da instalação da heterogeneidade discursiva. A heterogeneidade é vista e detectada em uma dimensão constitutiva e em uma dimensão mostrada. A discussão baseia-se ainda no conceito de letramento, e, partindo do pressuposto de que existe uma interpenetração do discurso da oralidade e do discurso da escrita, procura detectar como, nas narrativas analisadas, esta alteridade constituída por quem sabe ler e escrever, é indiciada no discurso do não-alfabetizado. As narrativas apresentadas - "As três estrelas de ouro na testa" e "A Branca Flor de Antuninho"- foram produzidas por Madalena de Paula Marques: uma mulher não-alfabetizada e moradora da periferia de Ribeirão Preto-SP-Brasil. A análise procura mostrar que, ao jogar com os dois tipos de heterogeneidade citados, a narradora assegura um fluxo narrativo coerente concorde à função de autoria, conforme propõe a teoria de letramento que embasa o trabalho. Apontamos ainda aqui na direção de afirmar que estas narrativas, mesmo sendo orais, apresentam marcas de escrita constituída pela heterogeneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; narrativa; alteridade; heterogeneidade; discurso.

Introdução

Este artigo visa a analisar duas narrativas orais produzidas por uma mulher não-alfabetizada, Madalena de Paula Marques, cujos títulos são "As três estrelas de ouro na testa" e "A Branca Flor de Antuninho". Nossa intenção é mostrar que, ao jogar com os dois tipos de heterogeneidade apresentados por Authier-Revuz (1982) (e reconsiderados em outra dimensão teórica pela mesma autora como não-coincidências do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998)) a narradora assegura um fluxo narrativo coerente, apesar de seu discurso ser oral, o que nos leva a sugerir que existe nessas narrativas a função de autoria, que Tfouni aponta ser o eixo para a teoria do

¹ Departamento de Psicologia e Educação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP- 14040-901- Ribeirão Preto - SP - Brasil. Endereço eletrônico: lvtfouni@usp.br

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Departamento de Psicologia e Educação - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil. Bolsista FAPESP. Endereço eletrônico: underper@usp.br

letramento (TFOUNI, 2002), lado a lado com a hipótese de interpenetração oral/escrito já discutida pela mesma autora em outros trabalhos (TFOUNI, 1988, 1992a, 2001, 2002).

Primeiramente, faremos uma breve introdução teórica dos conceitos de letramento e heterogeneidade, para, em seguida, introduzir a análise de alguns recortes das narrativas.

Sobre o letramento

A teoria do letramento tomada como base neste artigo entende alfabetização como um processo inserido na amplitude sócio-histórica do letramento. Diferentemente de abordagens da alfabetização que a tomam pela perspectiva da aquisição de habilidades de leitura e escrita, Tfouni (1988, 2002) provoca uma reviravolta no modo de entender a questão, ao tentar entender como adultos não-alfabetizados são afetados pelos usos sociais da escrita.

A escrita, enquanto produto cultural por excelência, é vista de um ponto de vista sócio-histórico, que é da ordem do proibido àqueles que não sabem ler e escrever. Entretanto, mesmo que não saibam ler e escrever, Tfouni (1988, 2002) explica que estes indivíduos são afetados pelos usos cotidianos da escrita, visto que as práticas letradas afetam todos que vivem numa sociedade, sejam eles alfabetizados ou não. Isto permite afirmar que a ausência da escrita, no plano individual, remete inevitavelmente ao plano mais amplo dos usos sociais da escrita ao longo da História.

Nesta perspectiva, a teoria de letramento aqui adotada leva em consideração as relações de poder envolvidas no uso vasto ou restrito de um código escrito, e investiga de maneira geral grupos cujo modo de conhecimento, produção e cultura são perpassados pelos valores de uma sociedade letrada.

Em continuidade, podemos dizer ainda que, dentro deste enfoque, a relação letramento e escolaridade é imprecisa, decorrendo daí que um indivíduo, mesmo nunca tendo freqüentado a escola, pode ser afetado pelos portadores de textos que circulam na sociedade onde vive, sendo que a recíproca também é verdadeira, ou seja, indivíduos com alto grau de escolaridade muitas vezes não sabem fazer uso da escrita, e produzem textos confusos, sem coerência ou coesão (TFOUNI, 2002).

Para lidar com essa questão, Tfouni (2002) rompe com a dicotomia "letrado x iletrado", que ela afirma ser uma versão moderna da teoria da grande divisa, e propõe que sejam considerados *níveis*, ou *graus*, de letramento, que estariam dispostos em um *continuum*. Nesse *continuum*, teríamos posições discursivas a serem ocupadas por sujeitos cujo conhecimento e familiaridade com as práticas de letramento não seriam medidos nem pelo seu tempo de escolarização (ou seja, quantos anos

frequêntou a escola), nem pelo seu grau de escolaridade (ou seja, até que série do ciclo formal estudou). Estas afirmações sedimentam uma conclusão importante para este artigo: a de que um indivíduo, mesmo não-alfabetizado, pode ocupar uma posição discursiva cujo grau de letramento não corresponde ao da escolarização formal, como é o caso aqui analisado.

Essas colocações acerca do conceito de letramento em Tfouni podem ser remetidas a um mesmo suporte: o das não-coincidências do dizer (heterogeneidade), tal como aparece em Authier-Revuz (1982, 1991, 1998), que esta última autora relaciona à dimensão do Outro, ou seja, da alteridade constitutiva. Acreditamos que esse referencial teórico sobre a heterogeneidade vai ajudar-nos a entender melhor o que se entende por heterogeneidade das práticas letradas, visto que podemos encarar a proposta do *continuum* como sendo da ordem de uma heterogeneidade relacionada às atividades de oralidade e escrita.

Sobre letramento e heterogeneidade

Authier-Revuz (1982) distingue dois tipos de heterogeneidade discursiva, sendo elas: heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada. A primeira ocorre quando o discurso é colocado em relação de alteridade, ou seja, na medida em que ele se constitui na e pela presença do Outro, considerando-se aí a heterogeneidade como condição para o discurso. Esta se complementa pela heterogeneidade mostrada enquanto referência à presença do Outro no discurso, de maneira que tal presença pode ser localizada por meio da análise. Para a autora, existem formas marcadas e não-marcadas da heterogeneidade mostrada, sendo ainda que ela se mostra pelo reconhecimento/denegação da heterogeneidade constitutiva.

As formas não-marcadas referem-se, não apenas às citações destacadas no corpo do texto, mas à maneira pela qual o enunciador pode fazer alusão ainda a um co-enunciador, de forma diluída, o que se torna próprio de uma não-coincidência do dizer consigo mesmo.

Na teoria do letramento que adotamos neste trabalho, vemos uma alteridade estabelecida entre discurso da oralidade e discurso da escrita. Entretanto, vale dizer que esta interpenetração ocorre apenas como decorrência desta própria condição de heterogeneidade constitutiva no/pelo Outro. Por estes motivos é que foi possível situarmos as narrativas orais aqui analisadas como sendo típicas de uma posição de escrita.

Queremos esclarecer que para nós a oralidade se caracteriza pela dispersão de várias vozes discursivas e a escrita por uma aparente contenção imaginária que faz da enunciação sempre um encadeamento retroativo através de conectivos, que sedimentam começo, meio e fim. Por uma relação de alteridade, cuja base é a heterogeneidade discursiva, muitos caminhos podem ocorrer diante desta formalização conceitual.

Assim, um texto produzido oralmente, por exemplo, pode ocupar a posição da oralidade ou da escrita. Em conformidade a esta multiplicidade de caminhos pertinentes entre oral/escrito, temos o que pode ser denominada uma heterogeneidade das práticas letradas.

Tfouni (2001, 2002) propõe que se tome como critério para distinguir entre oralidade e escrita a noção de autoria, que serviria de base para tratarmos desta heterogeneidade das práticas letradas. Segundo esta autora, temos na oralidade a presença da dispersão e da deriva, características da ausência de autoria, que coloca o sujeito do discurso como totalmente perdido no grande Outro. Já no caso da escrita, haveria autoria, na medida em que a dispersão e a deriva estariam controladas pelo sujeito por meio de um processo de retroação sobre a cadeia metonímica.

Tfouni (2001) toma como critérios, para determinar se existe autoria no texto, as noções de dispersão e deriva. Mostraremos, a seguir, como ocorre a inclusão destas duas noções na teoria do letramento.

A autoria, segundo Tfouni (2001, 2002), segue um fluxo contraditório, porém necessário, em que a dispersão e a deriva atuam no encadeamento do fluxo narrativo, de modo a ameaçar os atributos de começo, meio e fechamento (termo emprestado de GALLO, 1995 apud TFOUNI, 2002).

A deriva pode ser entendida, seguindo Pêcheux (1997), como a possibilidade de um enunciado vir a ser outro, diferente de si mesmo. Numa outra dimensão teórica, Tfouni (2001) caracteriza a oralidade não como sendo sinônimo de "fala", ou "parole", no sentido saussuriano, mas antes como uma modalidade de discurso, que pode ser produzida oralmente ou por escrito, em que a autoria não se faz presente. No caso das narrativas, pode ocorrer o seguinte: o sujeito-narrador efetua movimentos de retroação e causa no leitor/ouvinte uma certa expectativa, por meio do uso de conectivos ou inserções de anúncios sutis do que vai acontecer na seqüência. Tendo em vista a deriva, algumas partes da trama podem ser interpretadas de diversas maneiras, mas o que assegura a coerência da trama é o reenvio destas partes à anterioridade do fluxo narrativo.

Quanto à dispersão, enquanto aparente *non sense* da oralidade, esta também atua no fluxo narrativo quando nos autorizamos a falar em um fluxo coerente, mas de forma diferente da deriva, embora ambas estejam implicadas, ainda de acordo com o que discute Tfouni (2001).

Em relação ao aparente *non sense* remetido à dispersão, podemos dizer que se apóia no fato de que o enunciador não tem condição de representar totalmente para si sua própria enunciação de maneira intencional, porque se apóia no interdiscurso proveniente do Outro. É por isso que o sentido muitas vezes escapa a ele, por ser produzido pela linguagem do inconsciente, também proveniente deste Outro (AUTHIER-REVUZ, 1998).

A seguir, apresentaremos uma breve caracterização da narradora, "dona" Madalena. Esclarecemos que isto será feito, não porque

acreditamos que critérios empíricos definam ou pré-determinem o que o sujeito vai dizer, mas sim porque algumas dessas características são importantes para a questão da oralidade e da escrita, assim como da heterogeneidade discursiva, conceitos esses já apresentados acima.

Aprofundaremos todas estas colocações mais adiante, durante a análise das narrativas que constituem nosso *corpus*.

Sobre D. Madalena

Como apontado no título do trabalho, Madalena de Paula Marques é uma mulher não-alfabetizada, moradora da periferia de Ribeirão Preto-SP, e que só sabia ler e escrever o próprio nome quando estas narrativas foram coletadas.

Ela é contadora de histórias, rezadeira, conhecedora de medicina popular e líder comunitária do bairro onde mora. Conta que aprendeu a contar histórias quando era criança, ouvindo-as de parentes adultos, e pratica essa atividade de contar de maneira singular: suas narrativas, perpassadas por temas universais, são sempre contadas acompanhadas de onomatopéias e caracterização sonora das personagens. Essa atividade de contar histórias se dá em contextos interacionais muito específicos, como velórios, reuniões familiares, etc., e é sempre voltada para uma audiência que fica presa ao acontecimento, tal é seu desempenho.

Dentre as várias histórias contadas por “dona” Madalena, selecionamos, para analisar aqui, duas delas: “A Branca Flor de Antuninho” e “As três estrelas de ouro na testa”. A primeira relata o casamento de uma menina com o suposto filho do Diabo e a segunda trata do reencontro do pai com os três filhos. Esta surpreende pela complexidade da trama e pela extensão (a transcrição digitada tem 39 páginas).

A análise seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de filiação francesa, sobre a qual discorreremos brevemente a seguir.

Sobre a Análise do Discurso “francesa”

Explicamos acima a confluência entre a teoria do letramento e a heterogeneidade discursiva aqui instalada. E é por apostarmos nos ditames do inconsciente que falaremos da metodologia empregada ainda segundo o embasamento da Análise do Discurso francesa.

Assim, vale elucidar que a escola francesa da Análise de Discurso - agora AD - enquanto paradigma teórico-metodológico tem, sobretudo em Pêcheux (1988, 1997), uma maneira de nos ajudar a ver como atua a interpenetração oral/escrito por meio da ocupação discursiva de posições aparentemente reservadas somente àqueles que fazem parte da escolarização formal e dominam o uso do código escrito.

Retomando Pêcheux (1997), para explicarmos como um texto oral pode apresentar-se como se estivesse na modalidade escrita, apresentaremos algumas das idéias centrais deste autor. Para ele, há sentidos presentes em torno de qualquer discurso, e é assim que a AD considera o residual, as margens que rodeiam o “sentido literal”, e que, para além da estrutura, há o acontecimento, e há também a possibilidade de os sentidos virem a ser outros. Para este autor, os sentidos podem ser múltiplos, mas não infinitos, já que ele considera a interpelação histórica e ideológica deste sujeito clivado pelo inconsciente. Explica-se. Mesmo que as narrativas possam ocupar uma posição discursiva da escrita (como apontaremos no momento da análise), elas nunca serão parte da escrita, pois o escrito, somado à produção de um portador de texto com função de autoria, corresponde a um grau sempre mais alto de letramento.

Concorde com esta posição sobre a opacidade e o caráter histórico do sentido, a AD propõe uma análise indiciária das marcas formais. O “paradigma indiciário” foi primeiramente discutido por Ginzburg (1989) e a noção do dado como indício foi reconsiderada em outro plano teórico por Tfouni (1992b). Estas serão as bases utilizadas aqui para apontar diferenças nas semelhanças, ou ainda, ver o Outro sobre o mesmo, o que nos interessa sobremaneira em relação à temática da alteridade. Ainda em concordância com o que foi estabelecido sobre a heterogeneidade, podemos afirmar que, num certo sentido, tais indícios podem ser encarados como traços norteadores das formas não-marcadas da heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Ao falarmos em paradigma indiciário, colocamo-nos numa posição que privilegia a relação indireta estabelecida entre o texto e as suas condições de produção, por meio da qual foi possível a detecção de indícios lingüístico-discursivos nas duas narrativas.

Neste âmbito mais amplo, a importância de tal paradigma metodológico refere-se à abordagem da relação entre alfabetização e o letramento a partir da perspectiva dos mecanismos discursivos neles implicados e da noção de sujeito apoiada no referencial da AD e da heterogeneidade discursiva.

Estes pontos serão ilustrados a seguir, nos recortes efetuados nas duas narrativas, que retomam o debate teórico acima apresentado.

Para analisá-las, é necessário apresentar de forma breve a sinopse de cada uma delas para que a análise, ao comprometer-se em assegurar a coerência e a coesão ao leitor, faça também sentido para ele, mesmo que não conheça a narrativa.

A análise

Em “As três estrelas de ouro na testa”, para cuja análise foram reservados os três primeiros recortes, a narrativa conta a história de um homem pobre que, por não ter condições de dar comida às filhas,

abandona-as. A sina delas era casar-se e ter filhos. Diferentemente das demais, entretanto, a mais nova se casa com um príncipe e ganha três filhos gêmeos. Tal fato desperta inveja nas irmãs, que trocam os sobrinhos por sapos, colocados rio abaixo. O príncipe, revoltado, culpa a esposa e a deixa prisioneira no palácio, enquanto vai à guerra. As crianças são adotadas por um pescador humilde, cujo filho verdadeiro está para nascer. A verdade é ocultada até que uma das crianças deixa aparecer uma marca que revela as origens verdadeiras de nascerça: uma estrela de ouro na testa. A busca pelo reencontro com os pais verdadeiros é marcada pela tentativa de impedimento das tias e pela ajuda de um papagaio. No final, as crianças encontram os pais, o príncipe pede perdão à esposa pela injustiça e decide queimar as tias das crianças.

“A Branca Flor de Antuninho”, que analisaremos nos três últimos recortes, narra a história de Antuninho, um vencedor de jogos e apostas, que decide apostar e perde a vida para um personagem até então desconhecido: o diabo. A filha deste (Branca Flor) desperta interesse no protagonista quando ele vai às Pedras Negras (lugar onde moravam pai e filha) para pagar a aposta. O diabo propõe vários desafios a Antuninho como pagamento da aposta. Secretamente com auxílio de Branca Flor, Antuninho passa pelos desafios e alcança o prêmio de poder escolher por adivinhação uma das filhas do diabo para se casar. Ele tateia cada uma delas e escolhe Branca Flor, porque sabia que o dedo dela havia sido cortado quando do cumprimento de uma das tarefas. Por fim, Antuninho se muda de cidade, perde Branca Flor e decide casar-se com Lurde. Branca Flor, que se tornara costureira na mesma cidade, é encarregada de fazer o vestido de casamento. Ao ir à cerimônia, Branca Flor revela sua identidade através de uma encenação em que narra episódios conhecidos apenas por ela e Antuninho. Em seguida, ele se desculpa de Lurde e casa-se com Branca Flor.

Recorte 1

(v.p.: **uma das filhas**)³: - ... minha sina é de lavá ropa num...num palácio (...) quando eu me casar vô sê mãe de treis filho gêmeo.

(v.n.): (...) Deus já foi tão bão, que aquela que falô que dava conta da ropa, deu conta de lavá e costurá (...) Deus foi tão bão c'a princesa ficô grávida dos treis menino. Ficô grávida do menino... de dois menino e a menina. E ficô muito... aquela mulher muito grande. (...) Deus foi tão bão, foi tão abençoado que a princesa teve (...) E Deus foi tão bão que abençoô ela que ela venceu (...) Mas Deus abençoô tanto que os menino tava tudo vivo!

Aqui a retomada constante do fluxo narrativo parece ser encadeada por **Deus foi tão bão**, o que retoma fatos da trama que anteriormente estavam colocados como necessários para acontecer adiante, e assim

³ vp= voz da personagem; vn= voz do narrador.

confirma o anúncio feito desde o início pela narradora. Como em **que aquela que falô que dava conta da ropa**, que retoma o anúncio da sina de cada uma das irmãs, feita pela narradora no início em **minha sina é de lavá ropa num...num palácio**, e posteriormente **vô sê mãe de treis filho gêmeo**, retomado em **c`a princesa fico grávida dos treis menino**. Neste trecho, **treis menino** retoma **treis filho gêmeo**.

A ruptura do signo, ou seja, o deslizamento de **treis menino** para **treis filho gêmeo**, neste caso, é permitida pela incursão de um sujeito do inconsciente, e pode ser ressignificada devido ao fato de este sujeito ser afetado pela autoria, apesar de não-alfabetizado (como queremos argumentar). Esse processo de ressignificação corporifica-se lingüisticamente através de uma metaforização muitas vezes encadeada ao próprio fluxo narrativo, e que vai na direção de estabelecer coerência com relação ao outro (interlocutivo).

Este movimento de significação ainda é possível pelo mecanismo de repetição (**Deus foi tão bão**) da cadeia significante, que Lacan (1998) toma para ver no imaginário a repercussão deste Outro que fala alhures, através de um mecanismo de funcionamento num plano sintagmático, substitutivo; e paradigmático, associativo. Este funcionamento provém da dimensão inconsciente da enunciação, e por ele vemos a mutabilidade dos sentidos como compensação e tentativa de suturar o efeito do real da língua.

A dispersão e a deriva implicadas na autoria, como já dissemos, se relacionam diretamente à língua e às tentativas de controle: podem ser vistas em **foi tão bão c'a princesa**. O trecho destacado pode ser entendido de duas maneiras: ou **Deus foi tão bão com a princesa que** ou **Deus foi tão bão que a princesa**. Este movimento é notável, pois se trata de um movimento de cerceamento do desejo proveniente do real da língua que implica um dos atributos do imaginário. O que pode ser ainda inserido num processo de dispersão e deriva é o que Authier-Revuz (1998) chama duplo (não - UM) interlocutivo, que implica respostas instrumentais no discurso articulado à não-coincidência: se por um lado ligado ao UM imaginário do sentido entre o que um quer dizer e o outro recebe, por outro multiplemente ligado ao não - Um da dispersão e da deriva.

Sobre este momento de dispersão, podemos recorrer a Authier-Revuz (1991), que diz que se a não-coincidência é estrutural, e o imaginário dá aparente consistência ao discurso, há rupturas, lacunas que o atravessam. Como começamos a analisar acima, podemos entender assim, por um processo de deriva (PÊCHEUX, 1997), **c'a princesa** no trecho **Deus foi tão bão c'a princesa fico grávida dos treis menino** como **Deus foi tão bão (= que ela, a princesa) ficou grávida** como fatos separados o que aparenta um *non sense* da dispersão ou **Deus foi tão bão (= com ela, com a princesa)** que ela, graças à bondade de Deus, ficou grávida.

Recorte 2

(v.p.: papagaio) - Agora, sim! Agora sim vocês vai... agora vocês vai achar seu pai verdadeiro!

(v.n.) O papagaio já voltou conversando.

(v.p.: papagaio) - Agora vocês vai achar seus pai verdadeiro! (...)
Agora eu vou ajudar vocês caçá teus pai!

(v.n.) Aí montaram os treis cavalo, e foram lá. Chegou lá, falou assim:

(v.p.: filha) - Vamos despedir da vovozinha! - a menina falô: - Vamos despedir! Chegou lá, a vovozinha tava lá, falô: Vovozinha eu salvei meus irmão!

(v.n.) Ela falô:

(v.p.: vovozinha) - Eu sabia que salvava! Eu sabia, meus filho!
Agora, vocês vão... agora vocês vão achar, teus pais verdadeiro.

(v.n.) Nossa Senhora falou pra eles.

A repetição que pode ser vista em **agora sim vocês vai... vai achar seus pai verdadeiro até vou ajudar vocês caçá** indicia a estrutura coerente envolvida nesta mesma repetição. A volta destes significantes vai, por sua vez, atuar através da retomada de eventos da narrativa que se envolvem com a cena do reencontro, assim como pela inserção, feita pela narradora, de eventos da trama que começam a mostrar a maneira pela qual, a partir de então, as crianças se dirigem ao encontro dos pais verdadeiros. Esta repetição cria um efeito de expectativa no leitor, ou no ouvinte, de um encontro que ocorrerá adiante.

Embora as duas falas sejam atribuídas a dois personagens diferentes (respectivamente, o Loro (papagaio) e Nossa Senhora), tratam-se de formas marcadas de heterogeneidade mostrada, usadas para atestar pontos de apoio que direcionam a narrativa para solucionar a dificuldade surgida no desenrolar da trama, que, a partir de então, começa a ser anunciada: Como as crianças vão encontrar os pais verdadeiros, sendo que o fato do reencontro tornou-se conhecido?

O asseguramento desta coerência por meio destas formas marcadas da heterogeneidade mostrada pode ser visto quando a narradora, a fim de persuadir o ouvinte, tenta controlar a dispersão, por meio das formas marcadas na fala dos dois personagens, que, neste caminho, tornam-se importantes na seqüência da trama; falas assim referidas: primeiro, a fala do papagaio em (v.p.) **Agora vocês vai achar seu pai verdadeiro!** e depois, Nossa Senhora (v.p.:) **vocês vão achar, seus, teus pais verdadeiro**, retomado pela narradora (v.n.) **Nossa Senhora falou para eles**.

A repetição, então, assegura a preparação para a seqüência da trama, através do anúncio de que uma vez que algo é sabido (que as crianças encontrarão os pais), basta começar a introduzir a maneira como

isto ocorrerá. Há cuidado da narradora em enfatizar esta resolução da trama do reencontro e a introdução de outra seqüência da trama, pela tentativa de controle da dispersão que demarca a fala de cada personagem e da narradora. Esta demarcação atua como tentativa de controle da dispersão porque está embebida no contraponto do *non sense* envolvido na dispersão. A mudança entre a personagem **vovozinha** e **Nossa Senhora**, que fazem a mesma antecipação em relação à seqüência da trama, por exemplo, é esclarecida pela narradora: o que num primeiro momento é anunciado como fala da **vovozinha** é retomado pela narradora como voz de **Nossa Senhora**. Assim, mesmo que haja tal mudança, tais falas são atribuídas a personagens específicos, de modo que não se compromete a seqüência da trama. Talvez este *non sense* ocorresse se se tratasse de falas das crianças, já que estas não sabiam que encontrariam os pais a partir daí. A colocação da fala da narradora, ou mesmo quando o anúncio da resolução da trama é feito por meio dos personagens, situa o ouvinte (outro) na seqüência narrativa. Como mostramos em outros recortes, uma maneira da narradora situar o outro se relaciona diretamente a uma maneira própria de situar-se frente ao Outro da escrita. Ainda que esta direção ocorra pelas personagens, ela se dirige aos ouvintes ao mesmo tempo em que situa o Outro da escrita. Concomitantemente temos, assim, esta atuação do Outro, visto por meio das mudanças de personagens e do próprio anúncio feito pela narradora - voz da narradora (**v.n.**) - para assegurar a coerência requerida pela narrativa em seu campo amplo de sentidos.

Recorte 3

(**v.p.: papagaio**) - então, nós vai pra casa! Ó!... Ó, rei Raul... lá em casa tamém tem... as criança não fez comida, mas lá tem feijão, tem farinha, tem feijão cozido.

(**v.p.: papagaio**) - Vai! Vai lá e traz aquela mulher e senta perto da... do Joãozinho. Põe aquela mulher sentada aqui perto... do Joãozinho. Mais num tem importância! Num tem importância!

(**v.n.**) o Loro falava

(**v.p.: papagaio**) - Num tem importância! Ela num é a princesa da casa? Cumo é que nós vai cume sem tê rainha? Sem tê princesa aí? A dona da casa tem que sentá aqui! Tem que sentá aqui... perto desse moleque aqui... que chama Joãozinho! Vai lá!

(**v.n.**) (...) a Amélia levantô e falô assim (...)

(**v.p.: Amélia, mulher do rei Salomão**) - ô rei Raul, eu vô dá banho nela. Eu vô dá banho nela porque eu sou mulher também. Apesar... apesar que eu sô uma rainha!

(**v.n.**) (...) Arrumaro ela. Aí o Loro falô assim:

(**v.p.: papagaio**) - Senta perto desse muleque.

(**v.n.**) Ela sentô perto do Joãozinho.

(**v.p.: papagaio**) (...) - Abraça! Agora dá um abraço, reis Raul, nesses treis menino!

(**v.n.**) Aí o reis Raul abraçô assim:

(v.p.: papagaio) - Abraça! Dá um abraço nessa mulher aí! Dá um abraço nessa mulher aí! (...) - O Vicença! O... Nocência... o que que cêis pôis no prato dessas criança?

(v.p.: as tias) - O quê? O quê? Nós num fizemo nada! Nós num fizemos nada! Cêis tão jogando falso! Cêis tão jogando falso!

(v.n.) Isso é as tia.

(v.p.: as tias) - Cêis tão jogando falso.

Neste recorte, temos a coerência constantemente marcada pela dispersão da oralidade assegurada pela narradora. Assim, **da... do Joãozinho** parece-nos um lapso que ameaçaria a seqüência da trama, que pode se concretizar na troca dos nomes, conforme já foi comentado em outros recortes. Entretanto, a narradora se auto-corrigue, e continua tentando controlar a dispersão como em (v.p.) **senta aqui... perto desse moleque aqui... que chama Joãozinho** ou posteriormente (v.p.) **senta perto desse moleque (v.n.) - ela sentô perto do Joãozinho**, possibilita ao ouvinte (outro) situar-se dentro da mudança de nomes que persistirá até o reencontro das crianças com os pais verdadeiros.

É que, neste trecho, as hesitações se explicam pelo fato de que Joãozinho é o nome trocado da filha, dentre os três gêmeos. Esta troca de nome permanecerá adiante até que seja revelada a verdadeira identidade da menina. Enquanto isso, a narradora deixa o ouvinte na expectativa da relação e no suspense ocasionado pela proximidade da menina em relação às tias que ali jantam. Daí a tentativa de controle da dispersão, em **da... do, em desse moleque aqui... que chama Joãozinho**.

Em **isso é as tia**, a narradora assegura por ela mesma a coerência por um movimento de inserção, forma marcada da heterogeneidade mostrada, de indício que tenta controlar a dispersão como se quisesse mostrar ao ouvinte que o dizer **Cêis tão jogando falso** é um dizer das tias. Entretanto, por um processo de deriva, sem afetar a coerência pretendida, poderíamos entender que esta fala ainda pode ser entendida como um retorno da fala do papagaio, já que anteriormente este personagem desconfia das irmãs em **O Vicença! O... Nocência... o que que cêis pôis no prato dessas criança?** Assim, pela deriva, **cêis tão jogando falso** poderia ser indicativo de um jogo **falso** que as tias faziam ao envenenar a comida das crianças. É que, neste momento da narrativa, as tias querem envenenar as crianças durante o jantar por desconfiar que se trata das mesmas crianças que elas tentaram fazer desaparecer. Diferentemente do entendimento que a narradora quer assegurar com **isso é as tia** quando ela parece dar a entender que **cêis tão jogando falso** enquanto fala das tias, refere-se à maneira de elas (tias) quererem ocultar a trama envolvida no envenenamento da comida das crianças. Quando a narradora fala **isso é as tia**, ela pretende assegurar a coerência da narrativa pelo entendimento de que a trama começará a ser desvendada, já que o papel das irmãs da

princesa (tias) começa a ser revelado. Entretanto, a partícula **falso**, não fosse o movimento da narradora de inserção de **isso é as tia**, poderia se referir tanto à falsidade da acusação do papagaio, que as acusa (como a narradora quer assegurar), quanto ao **falso** das próprias irmãs, que praticam o envenenamento, mas procuram acobertá-lo.

Em **cumo é que nós vai cumê sem tê rainha? Sem tê princesa aí?** vemos o deslizamento de sentidos que não afeta a coerência (**rainha** e **princesa** se referem à mesma personagem), já que se trata do retorno da significação por significantes diferentes, ou ainda, do retorno do mesmo significante anteparado pela ruptura dos signos em função dos significantes.

De **ela sentô perto do Joãozinho** até a desconfiança das irmãs, analisada logo acima em **cêis tão jogando falso**, temos primeiramente a inserção de algo que ocorrerá na trama e que terá um desfecho no fim da narrativa. Trata-se da revelação da verdadeira identidade da princesa e das crianças, bem como do envolvimento das tias no desaparecimento das crianças. O sujeito-narrador controla as antecipações e retomadas no fluxo narrativo, numa coerência própria, e cria um efeito de suspense, conforme analisado acima.

Como pode ser visto em outros recortes já aqui analisados, parecemos que a narradora trilha dentro da heterogeneidade inerente ao campo discursivo por uma via de acesso à coerência do campo amplo da narrativa, por pequenas instâncias narrativas, que atuam como pontos de referência para controlar as antecipações da narrativa com relação ao outro e ao Outro, garantindo, deste modo, a coerência da narrativa até o momento da resolução da trama. Esta coerência é vista por nós não no sentido gramatical, mas como indícios propiciados pela equívocidade da língua, como assim foi demonstrado.

De forma semelhante, foram efetuadas análises de recortes retirados da narrativa "A Branca Flor de Antuninho".

Recorte 4

(v.p.: **Antuninho**) - Se parecesse o Diabo aqui agora... e quisesse jogá comigo, eu jogava c'o ele. (...) - Muito bem, era isso aí que eu tava pricurando. Encontrá um cumpanhero pra jogá cumigo. Qué jogá cumigo? Qué jogá cumigo, cumpanhero? Falô: Ah, eu topo! E vamo jogá! (...)

(v.n.) Jogô e o moço ganhô.

(v.p.: **moço**) - Se eu ganhá, Antuninho, eu vô pra tua casa, e se você ganhá, cê vai pra minha.

(v.n.) Então, aí... assim feiz. Aí o Antuninho chegô em casa e falô:

(v.p.: **Antuninho**) - Óia, eu perdi.

(v.p.: **Branca Flor**) (...) - Meu pai é o Diabo. Meu pai é o Diabo. (...) o Diabo falô assim: (gritando) - Chegô, mais custô!

O anúncio feito em **Se parecesse o diabo aqui agora... e quisesse jogá comigo, eu jogava c'o ele** adquire coerência no fluxo narrativo por um processo de metaforização, que retroage com este anúncio. Sabemos que o **cumpanhero** ou o **moço** de quem **Antuninho** fala é o **diabo**. Entretanto, esta revelação ocorre posteriormente, em **Meu pai é o Diabo**. Esta revelação situa o ouvinte na introdução de novo personagem aparentemente, mas ao mesmo tempo retoma, pela metaforização, o personagem já conhecido desde a perda do jogo, que é o **moço, o cumpanhero** e que é o **diabo** visto no trecho anterior **se parecesse o Diabo**. Por fim, o sujeito-narrador parece introduzir o personagem e, em seguida, a trama que o envolve. Nesta seqüência, quem revela a **Antuninho** a identidade do **moço** de quem ele perdeu o jogo e pediu que fosse procurado é a filha dele (do **Diabo**). Ao revelar esta identidade, temos um retroativo movimento da narradora ao longo da narrativa e, que neste caso, por um processo de metaforização próprio, envolvido no campo de sentidos da narrativa, permite ao ouvinte situar-se diante da retomada e do anúncio do que segue até o fim da trama.

O movimento de significação, então, vai da aparição de um desafio de Antuninho, que ganhava todas as apostas de jogo. Quando do desafio, ele anuncia, como vemos, que **se parecesse o diabo** ele jogaria. Então ele joga com um último **moço**, que é o único a vencê-lo, e que por isso obriga-o a procurá-lo. Vai, então, à procura da filha dele; sabe que se trata do **Diabo**.

A narradora vai assim tomar o atalho da metáfora, como uma maneira própria de lidar com a heterogeneidade constitutiva e mostrada (neste caso, por formas não marcadas diluídas no corpo do texto), para firmar-se no arranjo retroativo dos significantes. Sabemos que, de certa forma, esta possibilidade ocorre de maneira implícita, ou, podemos dizer, constitutiva, pelo estofo que articula metáfora e metonímia a partir da dimensão inconsciente da enunciação até seu endereçamento ao interlocutor (LACAN, 1998; AUTHIER-REVUZ, 1998).

Recorte 5

(v.p.: **Diabo**) - E amanhã, seis hora, eu quero cumê uva fresca!

(v.p.: **Antuninho**) (...) - ele qué cumê uvas fresca.

(v.p.: **Branca Flor**) - Ah, Antuninho, pó dexá! Dexa cumigo, Antuninho!

(v.p.: **Antuninho**) - Tá bom, eu dô... eu trago!

(v.n.) Aí foi embora pra casa dele. (som de batidas na porta percutidas) Chegô lá na janela da Branca Flor:

(v.p.: **Antuninho**) - Branca Flor! Branca Flor!

(v.p.: **Branca Flor**) - O que Antuninho?

(v.p.: **Antuninho**) - Teu pai disse que amanhã qué comê peixe fresco do mar! Peixe de tudo quanto é qualidade (...) Como é que eu vô fazê?

(v.p.: **Branca Flor**) - Ah, Antunin! Vai durmi Antunin! Vai discansá! Deixe por minha conta!

Como apresentado na sinopse desta narrativa, são impostos vários desafios a Antuninho. O encadeamento coerente aqui é percebido pela maneira como esta personagem requer a ajuda de Branca Flor para as atividades designadas pelo pai dela. Dessa forma, vemos retornar a mesma maneira pela qual a narradora situa a resolução das tarefas de Antuninho, a qual passa por várias tarefas como buscar **uvas fresca** ou **peixe fresco do mar** e vai, pela repetição da proposição e da realização destas tarefas, atuar como um efeito de suspense que dá conta da retomada e antecipação de fatos da trama, e que atribui coerência à narrativa através dessa continuidade, atingida pela alternância do pedido e da resolução das atividades por Branca Flor. Esta repetição antecipa, pelo efeito suspense, uma reação de expectativa no ouvinte, que será preenchida em acontecimentos que se seguem no fluxo narrativo.

Há um movimento de significação que se repete de alguma forma e que assegura a coerência. Ele é possível por esta ruptura do signo e pela não-coincidência - que apontamos no início deste trabalho ao falarmos de heterogeneidade - do sujeito com seu próprio dizer: lugar do Outro, onde se indicia uma mostra das relações de alteridade. Assim, frente a uma aparente homogeneidade textual, os signos são ressignificados no plano de uma mutabilidade do real inerente ao próprio dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998).

A posição do interlocutor nos interessa por fazer referência à presença deste Outro, aqui, pelo modo como o fluxo narrativo é endereçado ao outro e adquire coerência.

Recorte 6

(v.p.: **Branca Flor**) - Antuninho! Ocê num dorme não! Ocê num dorme não que meu pai vai matá eu e matá você, porque eu casei com você. (...) Mais você pega o... o Pensamento, porque o Pensamento sabe aonde que ele anda.

(v.p.: **Antuninho**) - Ah... esse cavalo magrinho num vai güentá eu mais a Branca Flor não! Nós vai fugir! Eu vô pegá um gordão, porque o gordão agüenta.

(v.n.) O Antuninho pegô o Rompe Vento.

(v.p.: **Branca Flor**) - Eu te mandei pegá o Pensamento e cê foi lá e e trôxe o Rompe Vento! Agora...

(v.n.) Ele falô:

(v.p.: **Antuninho**) - Então vô lá pegá o Pensamento.

(v.p.: **Branca Flor**) - Agora num dá mais tempo!

(v.p.: **Antuninho**) - Então vamo nesse mesmo!

(v.p.: **Branca Flor**) - Então vamo nesse mesmo, Antuninho! (...) eu falei procê pegá o Pensamento, mais ce pegô o Rompe Vento! Ce vai vê só como nós vai padecê c'o esse cavalo.

(v.n.) Pronto. Cabô o guspe.

(v.p.: **Branca Flor**) - Antuninho! Cabô! E vão bora! Vão bora! Vão rompê! Vão rompê! Vão rompê!

(v.n.) e eles lá: rompendo, mais rompendo assim que o cavalo rompia que era uma beleza! A Branca Flor falô:

(v.p.: **Branca Flor**) - Num dianta rompê que ele num sabe o que ele tá fazendo... aonde ele tá.

(v.n.) Aí...

(v.p.: **Branca Flor**) - O meu pai, se ele dá farta de mim, ele pega o Pensamento, agora mesmo o Pensamento tá aqui! Que o Pensamento vem num instantinho

(v.n.) Aí... aí o Diabo foi lá no campo, no... no... no... no pasto, chego lá, o Pensamento tava lá. De vez dele pegá o Pensamento, inda veio (...) Aí que ele foi lá, pegô o Pensamento, arriô.(...) Aí o diabo muntô no Pensamento e foi. (...) o Diabo incontrô o Antuninho e incontrô a Branca Flor. Branca Flor olhô pra traiz e falô: - Óia lá meu pai lá! Num te falei procê?

Esta última seqüência aponta o momento em que Antuninho e Branca Flor, já casados, fogem do Diabo. Ela diz a ele para pegar o cavalo Pensamento. Entretanto, como aparece, ele pega o cavalo Rompe Vento, já que, por ser mais gordão, ele pensa que vai se sair melhor na fuga. Dado o anúncio feito pela narradora, o Diabo alcança os dois.

Vale ainda ver alguns dos possíveis movimentos de deriva e dispersão que acometem também esta parte do fluxo narrativo. Em o **Pensamento sabe aonde que ele anda**, pela deriva (PÊCHEUX, 1997; TFOUNI, 2001), temos duas possibilidades: primeira, que **Pensamento sabe aonde que ele (= pai, diabo) anda** ou **sabe aonde que ele (= ele próprio, Pensamento, anda)**.

Em relação à heterogeneidade, temos que **O Antuninho pegô o Rompe Vento** pode ser considerado uma forma marcada da heterogeneidade mostrada, da qual a narradora faz uso para situar o interlocutor numa retomada coerente da narrativa que, adiante, faz sentido em **cê vai vê como nós vai padecê c'o esse cavalo**. Este último trecho ganha coerência na confirmação **Num te falei procê?**, que retoma esta antecipação e adianta o fato de que o diabo captura os dois personagens.

Nestes recortes, podemos perceber o que acima denominamos de partículas de deriva e dispersão, quando falávamos da relação parte/todo nas narrativas e geral/particular no letramento.

Authier-Revuz (1998) nos assegura que temos sempre a não-coincidência do dizer calcada em termos de uma representação fantasmática que o sujeito faz de seu próprio discurso. Ela é fantasmática por sabermos que há uma distância delimitada (do Outro no seu próprio discurso) que inaugura uma ilusão do sujeito acerca de ver a si mesmo como o centro da enunciação, sem se deixar prender nesta representatividade ilusória. De forma mais sucinta, isto ocorre porque partimos do pressuposto

de que o ato de linguagem é um acontecimento em que o sujeito está em dissonância com a imagem de seu interlocutor. O Outro é espaço especular e o sujeito é inscrito no jogo intencional do Um deste Outro. Este embasamento teórico permite falar que alguns pontos, em que há um aparente deslize dos sentidos de modo a comprometer o fluxo narrativo coerente, são redirecionados à sedimentação desta mesma coerência, pela própria maneira como o discurso se valida. A dupla designação do Um, como nos diz Authier-Revuz (1998), é um movimento de denegação do discurso consigo mesmo, em que uma aparente contenção imaginária faz Um diante da multiplicidade de combinações providas do real da língua.

Este processo se passa de tal forma que as práticas sociais de contar histórias definem deslocamentos quanto às diferentes possíveis posições de colocação do Outro no discurso, quando este tem lugares interditados. A narrativa aparece como uma alternativa possível a essa interdição, visto que aponta lugares diferentes, que caminham conforme as diferentes interpretações e os diferentes lugares possíveis de colocação do interlocutor.

Estes deslocamentos ocorrem porque o sujeito, cujo grau de letramento está na transição com a alfabetização, pode mostrar-se por produções discursivas, como é o caso destas narrativas, que se apresentam com características do discurso da escrita, no sentido de um encadeamento coeso e articulado, com começo, meio e fim, assegurados pela função-autor.

A partir desta retomada da nossa discussão teórica anterior, consideramos que a presença de indícios nestes recortes nos possibilitou falar da interpenetração do discurso da oralidade e do discurso da escrita, pelo próprio eixo temático da heterogeneidade discursiva.

Mesmo assim, é possível falar neste encadeamento retroativo do fluxo narrativo porque sabemos tratar-se de uma significação dada pelo sujeito afetado por um inconsciente estruturado como uma linguagem (LACAN, 1998), o que tem a ver com a dupla designação do Um da enunciação em alteração e alteridade em relação ao seu interlocutor (AUTHIER-REVUZ, 1991).

A enunciação, enquanto se altera e se redireciona, assegura a coerência requerida pela narrativa. E no que isto nos reenvia ao letramento? É o que veremos na breve conclusão que se segue.

Na teoria do letramento, este outro lugar se insere numa tomada de posição assumida pelo sujeito frente ao discurso da escrita, ainda que por uma produção do discurso da oralidade na forma oral, por conta desta heterogeneidade das práticas letradas. No campo discursivo existe sempre um outro lugar possível de ser ocupado pelo sujeito. Dentro da heterogeneidade das práticas letradas, que é por conta da própria heterogeneidade discursiva, se encaixam estas narrativas. Numa relação parte/todo, elas se portam como produções orais, cuja relação é de alteridade em direção àqueles que sabem ler e escrever.

Neste momento, direcionamos este artigo a uma breve conclusão.

Afinal

Para finalizar, voltamos a dizer que esta proposta de considerar a narrativa como lugar privilegiado para a emergência da autoria remete-nos de volta a uma discussão mais ampla acerca da heterogeneidade discursiva, na relação de alteridade estabelecida entre as diferentes posições que podem ser ocupadas por sujeitos (não) alfabetizados num *continuum* do letramento.

No caso destas narrativas, elas permitem esta alteridade com o discurso da escrita porque o grande Outro atravessa qualquer discurso e faz dele debate com sua própria alteridade (heterogeneidade constitutiva), o que quisemos sustentar com a entrada teórica contemplada, que solidifica o que foi dito anteriormente.

No entremeio em que a singularidade da produção narrativa põe em jogo as heterogeneidades - mostrada e constitutiva - por um discurso da oralidade, está um sujeito que se situa na representação que faz de um significante a outro e que se posiciona entre sua dimensão enunciativa e inconsciente.

Em retomada ao que era dito acima, em relação à imbricação geral/particular das narrativas e da alfabetização/letramento, vale uma breve análise de intersecção. É que a deriva e a dispersão não comprometem o fluxo narrativo em sua coerência, já que estes atributos são sempre remetidos ao amplo campo de sentidos da narrativa, o que é da ordem da dupla designação do Um (AUTHIER-REVUZ, 1991) e da múltipla significância do Outro. Este mesmo atrelamento ao Outro, daí a intersecção, faz valer e fortalece a relação geral/particular, entre alfabetização/letramento, seja porque deriva e dispersão no fluxo narrativo são reenviados aqui ao Outro da escrita, daí o não comprometimento da coerência, seja porque tais narrativas ocupam a posição discursiva da autoria por serem atributos do Outro.

Nossa argumentação foi, portanto, pertinente em relação ao objetivo inicial, na medida em que proporcionou mostrar como o sujeito dessas narrativas, ao se mostrar por um discurso da oralidade, consegue jogar com dois tipos de heterogeneidade - mostrada e constitutiva - de forma tal a indiciar o Outro da escrita.

Estes indícios remetem ao que é colocado de forma virtual no encadeamento da narrativa, em que o sujeito, como participante de uma sociedade letrada, é interpelado em sujeito da escrita, colocado em uma dimensão inconsciente e enunciativa, e afetado pelo deslizamento dos sentidos. Concomitantemente, a heterogeneidade e a deriva (por meio dos outros dizeres que não comprometem o fluxo narrativo) podem ser entrelaçadas como atributos que constituem e auxiliam no aparecimento da posição de autor.

Enfim, nossa tentativa foi argumentar de forma breve em direção ao postulado de que o discurso do não-alfabetizado é perpassado por características do discurso da escrita, uma vez que se trata de uma relação de alteridade estabelecida. E este indivíduo não-alfabetizado, ao ser interpelado em sujeito, pode ocupar diversas posições discursivas e reagir às interdições do discurso formalmente escolarizado, por meio da construção de narrativas em que pode emergir como autor.

Certamente, esta afirmação é permitida por uma relação de alteridade possível pelo que entendemos da heterogeneidade do discurso e, ainda assim, não proporciona a tais narrativas adentrar um lugar que é da escrita, porque neste processo há uma constante denegação das múltiplas posições discursivas advindas do Outro.

TFOUNI, L. V.; PEREIRA, A. de C. Literacy, heterogeneity and alterity: analysis of oral narratives produced by an illiterate woman. *Alfa*, São Paulo, v.49, n.1, p. 31-49, 2005 .

ABSTRACT: The aim of this paper is to investigate oral narratives produced by an illiterate woman, from the perspective of the installation of discursive heterogeneity. This is seen and detected in a constitutive dimension and a declared one. The discussion is situated also around the concept of literacy, and considers that there exists an interpenetration between the discourse of orality and the discourse of writing. The paper tries to detect how, in these narratives, this alterity, built with respect to those who know how to read and write, affects the illiterate 's discourse. Two narratives were analyzed: "As três estrelas de ouro na testa", and "A Branca Flor de Antuninho". The analysis tries to show that, when dealing with the two types of heterogeneity, the narrator assures a coherent narrative flow, which is in accordance with the "author function", as it is proposed by the theory of literacy that underlies the work. It is also pointed that these narratives, even if they are orally constructed, present marks of the written discourse, constituted by heterogeneity.

KEYWORDS: Literacy; narrative; alterity; heterogeneity; discourse.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, p. 91-151, 1982.

_____. Hétérogénéités et ruptures: quelques repères dans le champ énonciatif. In: PARRET, H. (Dir.) *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris: CNRS, 1991. p. 139-151.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____ . *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-553.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.
- _____. *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 1997.
- TFOUNI, L. V. *Adultos não-alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.
- _____. *Letramento e analfabetismo*. 1992. 116f. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1992 a.
- _____. O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador (a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. In: *Delta*, Campinas, v. 8, n. 2, p. 205-223, 1992b.
- _____. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.77-94.
- _____. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2002.